

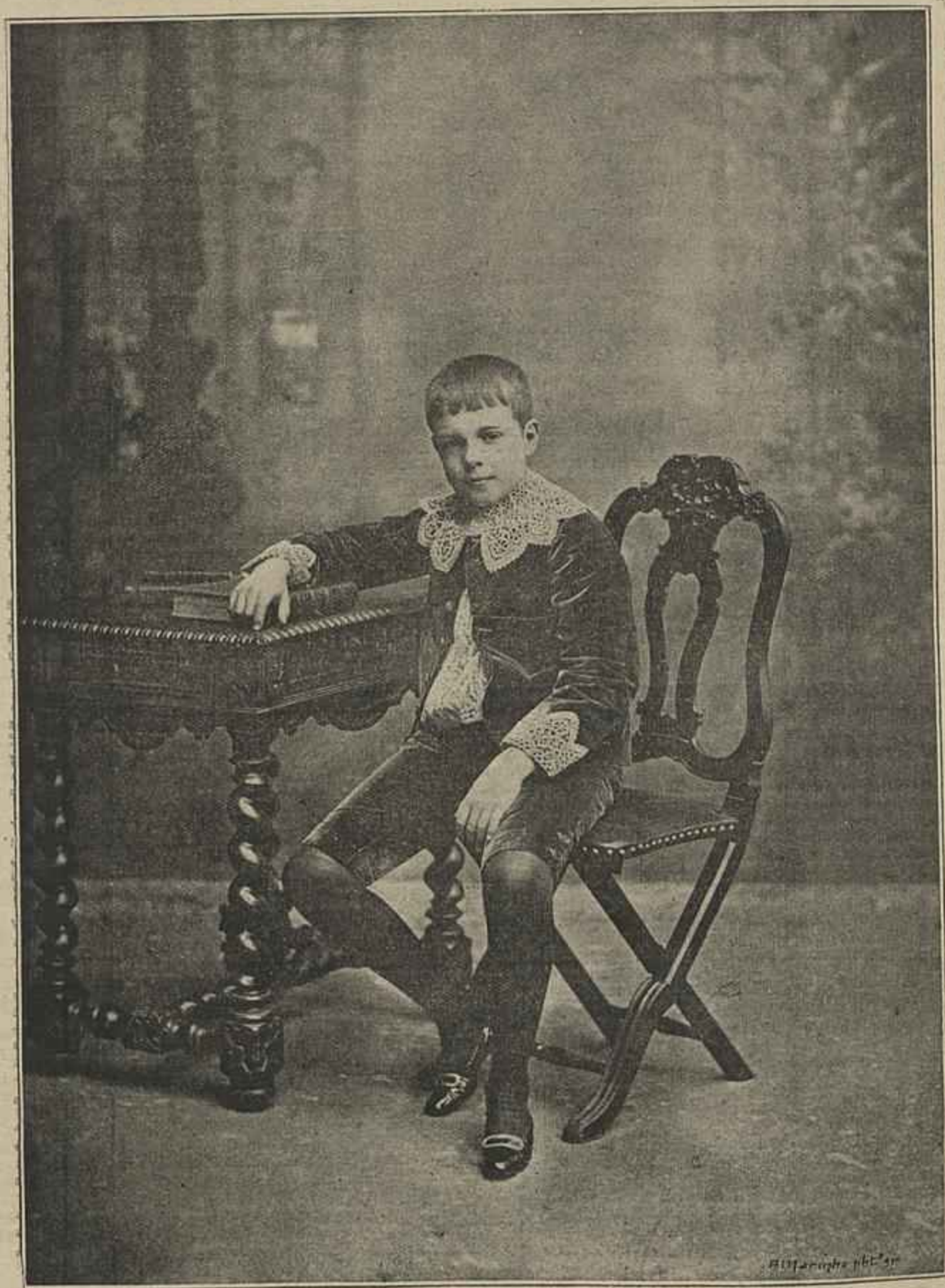
OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

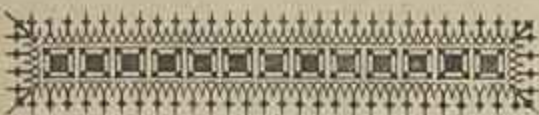
XXV Volume

20 de Março de 1902

N.º 836



S. A. O INFANTE D. MANUEL



CHRONICA OCCIDENTAL

Até que emfim!

Parece que d'esta vez é certo!

Alegria no céu, na terra e no Tejo de cristal!
Já não era sem tempo.

As olaias da Avenida, todas floridas, ostentam suas galas sob um céu de intenso azul. Chilreiam os passaros, que é uma alegria ouvir os. Deixa-se o casarão em casa pela manhã e até parece que tem a gente mais saúde.

Mulheres bonitas, que havia muito não saíam de casa, viu-as a gente por essas ruas, que, ainda mais que o sol, ellas illuminavam.

Adeus, carrancas do inverno! D'esta vez parece-me que é certo podermos-lhe dizer: até para annol!

E já não foi sem tempo a despedida. Fartos de borrascas andavamos nós. Ria o sol um bocadinho, só para nos dar signal de que ainda lá estava, e logo rangia o catavento, que se virava para a barra, como se d'ella estivesse enamorado, a luz escurecia, voltavam as nuvens e era agua se Deus a dava!

Borrascas não faltavam, no céu, na terra e no Tejo sombrio.

Na terra houve-as de todas as ordens. Mão é dar máo exemplo. Foi chegar d'Africa, fresquinha, a noticia da nova derrota dos inglezes, e foi logo uma imitação dos boers por todos os lados, a que não escapou a, vulgarmente grave, camara dos deputados.

Entretanto lá na Africa sempre foi mais serio e se as desordens que por cá houve não tiveram consequências, o mesmo não pensarão talvez os nossos allados com respeito a lição que levaram dos seus contrarios.

Entre nós foi um episodio, nada mais, da formidável lucta em que andam na camara empenhados os partidos. Um momento de maior effervescencia na discussão.

Todos nos queixamos geralmente da naz pôdre em que não apparecem homens que se distingam; e o certo é que se aprendia melhor a esgrima no tempo em que havia maior numero de floretes sem botão. N'uma sala d'armas aprende-se a jogar a espada, como se aprende a nadar em sêcco.

As paixões acirraram-se, regeneradores, franquistas e progressistas abandonaram a vulgar serenidade.

O governo tem pressa de vêr discutido o orçamento, para, segundo se diz, apresentar depois ás camaras o convenio, que parece estar quasi concluido com os credores estrangeiros, nossos mais horriveis fantasmas.

Segundo informadores dignos de credito e até declarações que podem suppôr-se officiaes, não haverá novo emprestimo, nem teremos de nos sujeitar a qualquer fiscalisação mais ou menos disfarçada.

É este agora o mais debatido assumpto nas conversações politicas.

O outro grande acontecimento da semana passada, a questão entre os srs. Marquez do Fayal e Conde de Burday, na assemblea do Banco de Portugal, promette dar-nos algum descanso, por ter sido o caso submettido á decisão dos tribunales.

Era curioso vêr como toda a gente, em geral sem vintem, discutia acaloradamente, commentando o dialogo dos dois opulentos capitalistas: noventa contos de réis para aqui, seiscentos contos para acolá, e moralmente... e juridicamente... E todos se inflammavam, como se se tratasse d'uma sorte grande, cuja roda estivesse a andar. E é que está.

As férias que estão proximas vão por uns dias pôr ponto em todos estes delirios politico-financeiros em que até os mais avessos á materia se deixaram arrastar.

Semana santa! Não é tempo de luctas, isso não. O nome o está dizendo.

Lindo tempo costuma ser. Plena primavera. Agente-se ella e todas quererão gosar das férias.

É uma alegria nas casas onde ha rapazes, é um acordar mais alegre, é um adormecer mais socego. E sempre ha de haver um dia para a gente sair da cidade aborrecida, ir vêr esses campos com os trigoas verdes cheios de papoilas e os vallados cobertos de flores, onde trinam os melros. Andam as borboletas pelos ares e zumbem contentes as abelhas no fabrico do seu mel. A' noite cantam os rouxinoes nos salgueiros; de manhã os tentilhões e as toutinegras, que parecem ter aprendido com elles, continuam o concerto.

Que deliciosos perfumes veem dos pinhaes e que alegre, por entre as ramarias, sopra o vento norte!

Em Lisboa já os confeitores se enfeitam, illuminam á noite as lojas, dispõem tentadoramente para os gulosos os cestos, as pyramides, os montões das amendoas de todas as côres. Os esculptores fazem milagres de fantasia no alcorce. E os garotitos, ás portas, em frente das vidraças, abrem espantados os olhos e sentem a agua a crescer-lhes na bôcca. Coitaditos! alguém lhes valerá.

Semana santa!... Domingo de Paschoa!... É a primavera que chega. Não tardará que oicamos os primeiros foguetes alegres a annunciarem as primeiras toiradas; não tardarão a apparecer o primeiro chapéo de palha, a *toilette* fresca da primeira elegante, de carruagem descoberta, caminho do Campo Pequeno!

Primavera! Primavera!

Já começou nos theatros o reboliço. Já se affixaram as tabellas para as escripturas do anno que vem.

Começaram os passeios com o repertorio accumulado durante o inverno.

S. Carlos, que dá o signal definitivo, que por todas essas praias e provincias manda a alta e rica sociedade recolher a Lisboa, está dando as suas ultimas recitas.

Applaudida pelo publico, bem recebida pela critica, a opera de Mancinelli, *Hero e Leandro*, attraheu maiores sympathias para o maestro, que este anno teve a seu cargo a regencia das principaes obras cantadas no nosso theatro lyrico.

Teem-se n'elle ultimamente realizado alguns concertos de dia, de programmas talvez em demasia variados, mas que teem agradado, o que mais decerto tem servido para educação do publico do que muitas das operas menos que mediocres, que por vezes os cartazes annunciam com maior ou menor pompa.

O theatro Principe Real do Porto e o da Avenida de Lisboa contradançaram agora.

Sousa Bastos com a sua companhia foi alegrar a cidade invicta. Taveira veio annunciar a *Madame Angot* na cidade de marmore e de granito.

Deve haver no Porto curiosidade de conhecer o *Tiço Negro*, que tamanho enthusiasmo produziu em Lisboa, e em que Palmira mais uma vez se nos revelou como distinctissima actriz de opereta. Naturalmente o exito que a peça alcançou entre nós será confirmado pela nova platêa, que tão amavel se mostra sempre para as composições portuguezas.

Taveira está ahí desde segunda feira com a sua magnifica companhia, o Santinhos engraçadissimo, e a Thereza Mattos, a Carmen, a Renti, das nossas melhores cantoras de operetta.

Em D. Amelia o que houve de mais notavel n'estes ultimos tempos foram os beneficios de Brazão e de Augusto Rosa. Annuncia-se para muito breve o de João Rosa com seis originaes portuguezes, sende cinco n'essa noite representados pela primeira vez.

É caso talvez novo na historia do nosso theatro. Conseguiu-o a boa vontade do Visconde de S. Luiz e as muitas sympathias de que o actor João Rosa dispõe.

Pela companhia de Lucinda Simões foi, ha dias, representada a *Blanchette* e, diga-se a verdade, primorosamente. Lucinda, Lucilia, Christiano e Chaby, nos principaes papeis, coadjuvados por alguns artistas da companhia Rosas e Brazão, obtiveram um verdadeiro e merecido triumpho.

Os rapazes da escola e do lyceu tambem lá tiveram as suas festas, muito alegres, como tudo em que os rapazes se mettem com alma. Ovações entusiasticas, gargalhadas colossaes acolhendo as comedias. Um abraço com muitos parabens ao nosso collega José Urbano de Castro.

E, d'aqui a poucos mezes, grande parte dos artistas portuguezes partem para o Brazil, a colher palmas e dinheiro. Ficam em Lisboa as companhias de verão. Com que sorte vêl-o-hemos. Seja a que lhe desejamos.

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

S. A. REAL O INFANTE D. MANUEL

Conta já doze annos de idade, completados em 15 de novembro ultimo, sua alteza o infante D. Manuel, cujo retrato publicamos.

Como seu irmão, o principe real, tem o joven infante recebido esmerada educação, chistamente orientada.

Sem religião não ha instrucção que fructifique. E' forçoso educar e instruir tanto o coração como o espirito. A fé tem sido apanagio dos principes de Portugal, constituindo o segredo da victoria alcançada nas batalhas em que os reis pelejavam á frente dos seus vasallos. Incutir, pois, a fé no espirito juvenil, preparal-o para a vida com esse vigor tão salutar, é uma sabia tarefa, que, sem excessos de fanatismo, deve produzir opimos fructos.

Não teem Suas Magestades descurado a educação do infante D. Manuel, e assim vae-lhe o coração desabrochando aos effluvios da luz purissima da religião, amavelmente ensinada. Já em fevereiro passado se effectuou a commovente cerimonia da primeira communhão de sua alteza, e esse facto, gratissimo a todos os verdadeiros catholicos, deve olhar-se com o eminentemente patriótico pelo caracter tradicional que o reveste, acordando a idéa das glorias que a fé christã deu sempre ao nome portuguez.

Tem sua alteza um dos nomes que mais grandezas lembram na nossa historia. Permitta Deus que tambem no futuro seja *afortunada* a sua vida agora em tão formosos inícios.

OS NOVOS CONSELHEIROS DE ESTADO

Conselheiros Luiz de Bivar e Antonio Candido

O fallecimento em curto periodo dos dois conselheiros de estado almirante Baptista de Andrade e Frederico Arouca occasionou duas vagas nesse alto corpo politico do paiz, para as quaes foram nomeados os srs. Luiz de Bivar, presidente da camara dos dignos pares, e Antonio Candido, procurador geral da corôa.

Tendo sido indicados desde cedo varios nomes de politicos mais em evidencia para o preenchimento das duas vagas, foi quasi com surpresa que em geral se soube da escolha definitivamente feita. Mas ao inesperado da noticia tão opposta aos boatos que corriam corresponderam os maiores applausos por terem recahido as nomeações em cavalheiros tão dignos d'essa distincção.

O sr. conselheiro Luiz Frederico de Bivar Gomes da Costa representa a encarnação viva e illustre do partido regenerador, agora devidamente consagrada. O sr. conselheiro Antonio Candido Ribeiro da Costa é uma gloria do partido progressista e tem recebido de todas as facções um justissimo apreço, como o prova não só esta nomeação como o ter já feito parte de um ministerio extra-partidario.

Pela respeitabilidade das suas funções de presidente da camara alta e de juiz do supremo tribunal de justiça, pelo seu timbre de inalterável lealdade politica, o sr. conselheiro Luiz de Bivar é uma das individualidades mais sympathicas e venerandas da sociedade portugueza.

Não é menos sympathica a physionomia pessoal e politica do sr. conselheiro Antonio Candido, um orador de raça, verdadeiramente academico, que constitue hoje a figura mais luminosa da eloquencia portugueza, em que brilham todas as galas e pompas que a arte lhe sabe conceder.

Por taes circumstancias registamos com intima satisfação as nomeações dos dois conselheiros de estado, certos de que continuarão bem servindo o paiz, honrando-se ainda mais.

AS CHEIAS EM SANTAREM

Como de costume em invernos rigorosos, houve este anno grandes inundações no nosso paiz. O mez de fevereiro foi quasi todo chuvoso, pelo que os principaes rios, sahindo fóra do leito, produziram estragos importantissimos.

Em Coimbra o Mondego inundou grande parte da cidade baixa. Em Leiria a inundação arrasou uma casa em que pereceram os locatarios; na Ribeira de Santarem a cheia attingiu a maior altura das que se teem registado e causou grandes prejuizos nas sementeiras.

O importante espectáculo da cheia do Tejo attraheu a Santarem a visita de muitas pessoas. Sua Magestade a Rainha sr.^a D. Amelia, ao ter noticia da inundação, foi immediatamente aquella cidade, em um automovel guiado pelo sr. infante D. Affonso, e, no terraço das Portas do Sol, se deteve cerca de meia hora, contemplando o soberbo panorama.

Era com effeito imponente a vista que se desfructava d'aquelle elevado ponto da cidade, alcançando uma extensão immensa toda sepultada no vasto lençol das aguas.

Estava consumada a grande cerimonia da investidura, restava, comtudo, que actos condignos viessem glorificar o novel cavalleiro e conferir-lhe as esporas de ouro.

A sociedade dispensava-lhe todas as honras e concedia-lhe as melhores prerogativas, mas, em troca, exigia-lhe virtudes austeras, heroismos até ao sacrificio.

A sua espada sagrada, como o logar em que a recebera, deveria desenhainhar-se, sempre, em prol dos mais sagrados interesses, dos mais nobres direitos.

Luctar pelo throno e pelo altar; defender o fraco contra o forte, o opprimido contra o oppressor; proteger a orfandade e a viuvez e pugnar pelas damas, justificando-as no seu pundonor e delicadeza, tal era o ideal do puro e genuino cavalleiro.

E ai d'elle se prevaricasse, se desmerecesse os pergaminhos da sua nobre profissão. O castigo

sangue dos contendores, ganhavam-se os applausos, firmavam-se os creditos, alcançava-se o premio de vencedor na mais ruidosa das acclamações. Conferiam-no as donas e donzellas, em honra das quaes se pelejava a ultima justa, — a *lança das damas*.

O heroe da festa era conduzido ao castello pelas suas admiradoras que o distinguiam com todas as attenções; offereciam-lhe, em ricas bacias de ouro ou prata, com toalhas de finissimo linho, agua para as abluições; substituiam-lhe as vestes de guerra por roupas de custoso tecido, e, em banquete opiparo, serviam-no das mais bellas iguarias; era, emfim, um idolo o feliz cavalleiro que, em pugna renhida, lograva a victoria.

Semelhantes aos jogos athleticos na Grecia e aos combates dos gladiadores em Roma, as justas, e torneios da Edade-media eram, comtudo, não só exhibições de força e de dextreza, espectaculos viris e galantes, preenchendo os octos de uma

se atrevem a responder os parentes e admiradores d'essas damas, que pesarosas, por não terem quem, por dever, as desagrasasse, se dirigem ao duque de Lencastre, sogro do nosso D. João I, pedindo-lhe vingança. Por conselho e influencia do nobre fidalgo, escrevem a doze bravos portuguezes, fazendo-os conhecedores do vexame de que, tão grosseira e cobardemente, foram victimas.

Appellam para o cavalleirismo de homens resolutos e destemidos, em cujos corações se gravam as noções da honra e do brio. A offensa é grave, séria deve ser a reparação. O animo lusitano não soffre delongas e lá partem para Inglaterra esses denodados campeões que, em lucta cruenta com outros tantos adversarios, auctores do ultraje, illustram a sua patria, coroando-se com os louros da victoria.

Entre elles salienta-se Alvaro Gonçalves Coutinho, o celebre *Magriço*, que, por ter chegado



CONSELHEIRO DR. ANTONIO CANDIDO



CONSELHEIRO LUIZ BIVAR GOMES DA COSTA

OS NOVOS CONSELHEIROS DE ESTADO

era tremendo; julgado como o mais vil dos infames, cabia-lhe a pena ultima e depois de exautorado das insignias que envilecera, quebradas as armas, arrastado o escudo pela lama, ouvindo os anathemas da Igreja e soffrendo as affrontas da populaça, executavam-no, em publico cadafalso, e davam-lhe sepultura desprezível.

Assim terminava os seus dias aquelle que, escravo do dever, teria o fim dos heroes e as bençãos dos vindouros.

Em tempo de paz, os cavalleiros não se entregavam aos enervantes prazeres da ociosidade, exercitavam-se nas celebres justas e torneios, combates simulados, tão frequentes n'essas epochas de indole batalhadora.

N'esses espectaculos certos, apresentavam-se os combatentes, a prior, de ponto em branco. Seguidos dos seus escudeiros, entravam, triumphalmente, na liça, sendo algumas vezes, por singular distincção, conduzidos pelas damas a que se votavam, e, n'esse caso, graciosamente, enleados em douradas cadeias, que as delicadas mãos femininas lhes tiravam ao começar a lucta.

O momento, então, era solemne; iam chocar-se as armaduras, cruzar-se os ferros; no prelio, ainda que simulado, tanto, não poucas vezes, com o

sociedade cavalleirosa, que, a todo o momento, sonhava em lances de bravura e assumptos de brio, mas tambem serios pleitos em que se dirimem questões que, embora pueris, tomavam feição grave, pela demasiada importancia que se lhes attribuia.

Haja em vista a famosa façanha dos doze de Inglaterra, que constitue um dos mais interessantes episodios dos *Lusiadas*.

•Entre as damas gentis da corte inglesa
E nobres cortezãos acaso um dia
So levantou discordia em ira accessa;
Ou foi opinião ou foi porfia:
Os cortezãos, a quem tão pouco pesa,
Saltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão que honras e famas
Em laes damas não ha para ser danas

(LUS. CANTO VI, EST. XLIV.)

•E que so houver alguém com lança e espada,
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo raso ou estacada
Lhe darão feia infancia ou morte crua.

(LUS. CANTO VI, EST. XLV.)

O repto toca as raias da insolencia e a elle não

mais tarde ao logar do combate, tanto entristeceu e sobresaltou a sua dama.

•Mas aquella, a quem fôra em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristera
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavalleiro n'esta empreza:

(LUS. CANTO VI, EST. LVI.)

Nada perdeu, porém, a *boa causa* com a demora do sympathico paladino, que, em lances de desusada valentia, tanto ennobrecou o seu escudo.

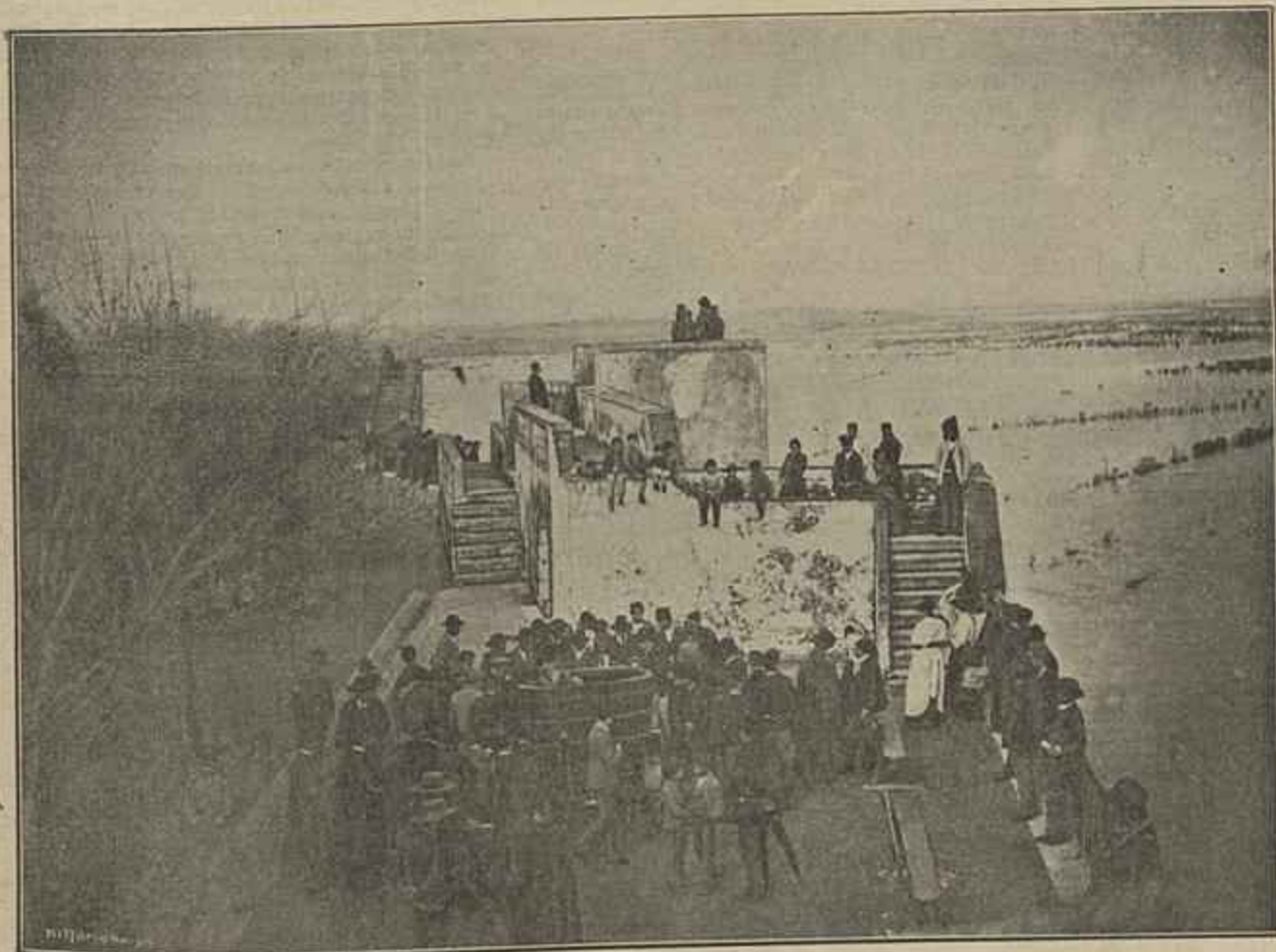
Tout passe, tout casse, tout lasse, é aphorismo de velha philosophia, a todos os momentos, confirmado pela experiencia.

Os tempos vão na sua carreira vertiginosa e com elles os costumes, as tendencias.

A humanidade nem sempre é impulsionada pela mesma ordem de ideais, e o que, hoje, se aceita com entusiasmo, amanhã, regeita-se com desprezo.

A evolução é uma lei fatal a que é forçoso obedecer, e insensato aquelle que, a isso, se oppõe, que subvertido será pela onda do progresso.

As cheias em Santarem



NAS PORTAS DO SOL — S. M. A RAINHA VENDO AS INNUNDAÇÕES

A Edade-Média ia, enfim, desaparecer com as suas instituições.

A cavallaria, a famigerada cavalaria, tendo enbriado os espiritos, fez sentir, como era natural, a sua influencia na litteratura.

Os romances e poesias d'aventuras cavalleiro-sas abundam, fazem as delicias d'avidos leitores e são o género, de preferencia, cultivado.

Todavia a sociedade saturada, por sua vez, com o ambiente bellicioso em que, tanto tempo, havia já que vivera, começa olhando os idolos cavalleiros com mais frieza, a desenhá-lhes a feição do exaggerado e a julgá-los, afinal, uns allucinados que, de lança em riste, sonham com o inimigo, buscando-o por toda a parte.

A breve trecho, pois, a reacção accentua-se, por completo; a cavallaria que gozava os fóros de collectividade magna, confraria hieratico-militar, cujos membros eram uma especie de predestinados, converte-se n'uma aggreminação de comicos espadachins, que, na ancía da celebridade, se precipitam no descredito e no ridiculo.

Para esta decadencia e desrespeito muito, directamente, contribuiu a queda do feudalismo, onde se recrutavam os melhores cavalleiros, a descoberta da polvora e como consequencia a das armas de fogo que vieram inutilisar os antigos luctadores de elmo e couraça e, sobretudo, a monumental critica de Cervantes, a mais espirituosa concepção do genio hesparhol.

O grande romancista de

Alcalá ridiculisa, com immensa graça, os defeitos da cavallaria no typo impagavel de D. Quichote, o pobre homem que, á custa de ler livros de cavallaria, enlouqueceu.

A sua mania é a de reproduzir as proezas dos antigos cavalleiros e, para esse fim, veste a ferru-

Atirou-se d'um pulo á arvore, cortou o cordão da campainha, e o enforcado cahiu sobre os calcanhares, roxo, furioso, meio afogado.

Tossiu, escarrou, alargou o nó e caminhou para o Conde.

— Sr! disse, cheio d'ira. O sr. é um patife!

genta armadura, monta o ancimico rocinante, toma a rustica Dulcinea por sua dança e o boçal Sancho Pança por escudeiro, elança-se em aventuras tão extravagantes e encontra-se em situações de tal modo grotescas que chega a provocar o riso.

A chistosa critica agrada sobremaneira, vulgarisa-se rapidamente e, com o maior successo, consegue dar o golpe de misericórdia n'essa instituição secular e na respectiva florescencia litteraria da qual, são celebrados ornamentos, as duas portuguezas novellas, *Amadis de Gaula* e *Palmeirim de Inglaterra*.

Damasceno Nunes.

O FRASCO DE PRATA

POEM

Eugène Berthoud

(Continuado do numero antecedente)

— Ha de ser o sr.!

— Quero dizer que o sr. só ha de morrer depois de mim!

— Conta não me deixar enforcar?

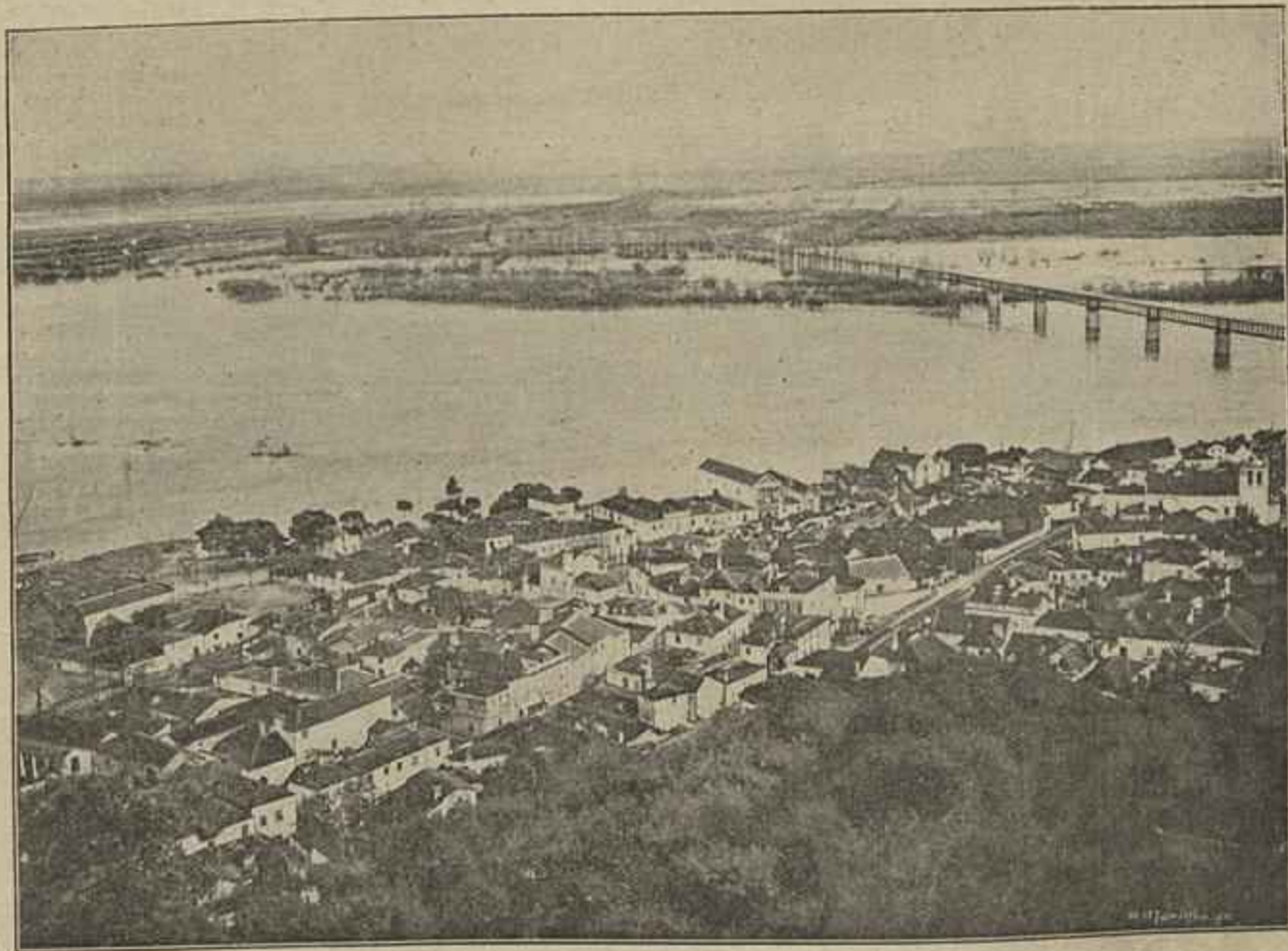
— Conto.

— Pois vamos a vêr!

— Vamos a vêr!

O inglez poz-se a rir, tornou a metter o pescoço na corda e, um instante depois, o corpo baloicava nos ares.

Mas já Octavio apanhára a faca que brilhava no chão.



A CHEIA NO TEJO ENTRE SANTAREM E ALMEIRIM

— Ora ahí está! exclama Octavio. Um duelo!

— Confesse que não pensara em tal!

— Um insolente! continuou o inglez, que nada ouvia.

— Basta! disse o Conde de Soubran. Espero que saberá tomar a responsabilidade d'essas duas grosserias!

— Diabos me levem! É para já! vociferou o outro.

E pegando n'umas pistolas que trouxera, estendeu uma d'ellas a Octavio e armou a outra.

— Muito bem! disse Octavio. Mas simplifiquemos as coisas. Cano encostado ao peito.

— Seja!

— Assim, murmurou o Conde, cujo rosto serenou, não ha meio de escapar. É agora, sr., esqueçamos esta discussão, visto que vamos morrer. Aqui tem a minha mão.

O inglez, n'este momento supremo, recuperou todo o sangue frio.

— Tem razão, disse. A morte faz-nos como irmãos.

E estendeu a mão ao Conde de Soubran, que lh'a apertou cordealmente.

— Vou contar até tres, disse Octavio. Quando eu disser tres, atiramos ambos ao mesmo tempo.

Lord Weymouth disse que sim com a cabeça e cada um apoiou o cano da pistola sobre o coração do adversario.

— Um! disse Octavio, sorrindo.

— Pois srs.! disse o inglez, o sr. parece-me uma excellente pessoa e sinto não o ter conhecido ha mais tempo.

— Dois! disse o Conde.

Os dois homens trocaram um olhar de sympathia. Uma multidão de recordações, um oceano de pensamentos rolaram como um relampago n'aquellas duas almas promptas para abrir as azas.

— Tres!

Os dois ao mesmo tempo puxaram pelos gatilhos.

IV

A PROPOSITO D'UM RETRATO

Os cões cahiram com um ruído secco, os fulminantes estoiraram, mas nenhuma detonação se ouviu.

— Que brincadeira de máo gosto é esta? perguntou Octavio olhando severamente para o adversario.

O inglez parecia afflicto.

— Dou lhe a minha palavra que até fui eu quem hoje de manhã carregou estas pistolas. . . Alguem entraria no meu quarto, quando eu estava fóra, provavelmente algum criado. . .

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE II

A meteorologia em Lisboa

Dias em que o thermometro accusou temperaturas superiores a 30°

1880-1901

(Continuação do n.º 832)

1891

14 Junho	Max.: 30°4	— 25 Junho	Max.: 31°0	— 5 Julho	Max.: 30°3	— 6 Julho	Max.: 33°6
7 Julho	" 31°6	— 5 Agosto	" 31°3	— 11 Agosto	" 31°3	— 12 Agosto	" 32°8
13 Agosto	" 35°5	— 14 "	" 35°9	— 20 "	" 33°4	— 21 "	" 32°4

1895

22 Junho	Max.: 33°2	— 23 Junho	Max.: 33°9	— 24 Junho	Max.: 35°0	— 25 Junho	Max.: 34°0
7 Julho	" 32°0	— 8 Julho	" 31°5	— 9 Julho	" 35°4	— 13 Agosto	" 31°1
14 Agosto	" 32°5	— 15 Agosto	" 30°3	— 19 Agosto	" 30°7	— 26 "	" 32°1
27 "	" 31°1	— 28 "	" 32°4	— 29 "	" 32°7	— 31 "	" 31°5
1 Setembro	" 30°4						

1896

29 Junho	Max.: 31°7	— 30 Junho	Max.: 33°3	— 1 Julho	Max.: 31°8	— 3 Julho	Max.: 32°3
4 Julho	" 35°6	— 5 Julho	" 34°1	— 12 "	" 31°3	— 13 "	" 33°0
12 Agosto	" 30°0	— 13 Agosto	" 33°8	— 14 Agosto	" 30°0	— 17 Agosto	" 31°1
22 "	" 30°3	— 23 "	" 32°7	— 24 "	" 34°2	— 25 "	" 31°9
16 Setembro	" 30°2						

1897

10 Junho	Max.: 32°2	— 11 Junho	Max.: 33°6	— 12 Junho	Max.: 31°9	— 13 Junho	Max.: 31°1
18 "	" 31°3	— 19 "	" 34°2	— 20 "	" 37°4	— 21 "	" 37°5
3 Julho	" 30°3	— 4 Julho	" 31°8	— 5 Julho	" 31°6	— 6 Julho	" 32°4
22 "	" 31°5	— 23 "	" 32°8	— 28 "	" 36°4	— 29 "	" 34°4
30 "	" 34°4	— 20 Agosto	" 31°4	— 6 Setembro	" 31°4	— 7 Setembro	" 30°6

1898

18 Junho	Max.: 30°2	— 19 Junho	Max.: 30°4	— 20 Junho	Max.: 32°9	— 1 Julho	Max.: 32°5
2 Julho	" 33°5	— 3 Julho	" 32°0	— 25 Julho	" 30°7	— 28 "	" 32°1
29 "	" 30°9	— 4 Agosto	" 31°1	— 5 Agosto	" 33°2	— 9 Agosto	" 30°8
10 Agosto	" 30°4	— 11 "	" 31°7	— 12 "	" 30°4	— 13 "	" 31°4
25 "	" 32°9	— 26 "	" 33°5	— 27 "	" 30°8	— 29 "	" 30°3
30 "	" 35°9	— 31 "	" 32°7	— 1 Setembro	" 30°3	— 2 Setembro	" 31°1
14 Setembro	" 30°4						

1899

21 Maio	Max.: 30°9	— 25 Junho	Max.: 30°0	— 26 Junho	Max.: 31°3	— 27 Junho	Max.: 31°0
14 Julho	" 31°0	— 15 Julho	" 32°0	— 16 Julho	" 34°4	— 17 Julho	" 34°3
25 "	" 33°0	— 26 "	" 35°9	— 27 "	" 37°8	— 28 "	" 34°3
29 "	" 31°5	— 30 "	" 33°6	— 31 "	" 33°6	— 1 Agosto	" 35°5
2 Agosto	" 33°8	— 3 Agosto	" 31°0	— 17 Agosto	" 32°1	— 18 "	" 31°2
20 "	" 30°4	— 21 "	" 30°6	— 23 "	" 30°8	— 24 "	" 32°1
25 "	" 30°9	— 9 Setembro	" 32°6	— 10 Setembro	" 35°1	— 11 Setembro	" 33°1

1900

17 Abril	Max.: 30°4	— 20 Maio	Max.: 30°3	— 6 Julho	Max.: 33°5	— 7 Julho	Max.: 34°6
8 Julho	" 32°9	— 9 Julho	" 30°8	— 17 "	" 32°2	— 31 "	" 33°2
10 Agosto	" 30°9	— 3 Setembro	" 32°4				

1901

19 Junho	Max.: 30°2	— 20 Junho	Max.: 31°2	— 24 Junho	Max.: 30°0	— 25 Junho	Max.: 30°0
5 Julho	" 30°2	— 6 Julho	" 31°5	— 16 Julho	" 31°3	— 17 Julho	" 35°4
18 "	" 34°7	— 19 "	" 33°9	— 20 "	" 34°6	— 21 "	" 36°5
31 "	" 30°6	— 1 Agosto	" 31°9	— 2 Agosto	" 34°2	— 3 Agosto	" 31°2
4 Agosto	" 33°5	— 5 "	" 34°8	— 6 "	" 35°8	— 7 "	" 30°3
16 "	" 34°5	— 17 "	" 30°4				

(Continua)

Antonio A. O. Machado.

Octavio com muito máo humor deitou fóra a pistola.

Raras vezes uma experiencia abortada deixa de curar a mania do suicidio. Além de ver-se n'uma posição ridicula, embora o Conde não quizesse confessal o, a vontade começava a enfraquecer-se-lhe; nas duas tentativas de morte exgotára uma grande parte da energia; só restava de pé o orgulho.

Depois incidentes exteriores e simplesmente physicos influenciavam o sem elle o saber. Era noite, soprava um ventosinho vivo e picante, digamos tudo, roia-lhe o estomago uma fome valente. . . Ter corrido alegremente, de sorriso nos labios, com a tenção feita de dar cabo da vida, e duas horas depois, sentir-se uma pessoa, não sómente vivo, mas cheio de secreto appetite de filetes de gamo e d'um faisão com tuberas, que tremenda queda!

Pode ser que o inglez pensasse de modo identico, porque estava com uma cara de palmo.

Houve um instante de silencio, durante o qual os dois olharam um para o outro meio furiosos, meio atrapalhados.

Emfim venceu a situação comica e Octavio deu uma gargalhada seguida pelo inglez com um riso menos franco.

— Decididamente, disse o Conde, a Providencia por hoje oppõe-se aos nossos projectos. Resignemo-nos e esperemos; mas enquanto espero, que diabo hei-de eu fazer?

— Tenho uma idéa, disse o inglez.

— Vejamos

— Continua decidido a matar-se?

— Mais que nunca di-se Octavio depois d'uma ligeira hesitação. Tanto mais, continuou, que me vejo a isso obrigado.

— Tambem eu. Mas umas horas a mais ou a menos pouco importam para o caso.

— Muito pouco.

O inglez calçava as luvas com o maior cuidado.

— Sr. Conde, disse elle cumprimentando Octavio, quer dar-me a honra de jantar comigo? Matamos nos á sobremensa.

Octavio não poude deixar de olhar cheio de espanto para um homem que, conhecendo-o havia apenas uma hora, o tratava como a um amigo de dez annos. Verdade é que as circumstancias exceptionaes em que se tinham encontrado os collocavam fóra de todos os preconceitos adoptados e das conveniencias sociaes; depois o rosto de Lord Weymouth, embora triste e frio, respirava franqueza e lealdade irresistiveis. Octavio respondeu apertando lhe a mão:

— Aceito, Mylord, e com o maior gosto. Muito preciosa me é esta occasião para cultivar o seu conhecimento para que assim a deixe escapar.

De braço dado sahiram da clareira os dois homens, caminhando em silencio e ouvindo o murmuro de seus pensamentos. Octavio scismava na extravagancia da aventura, que, aliás não deixava de agradar ao seu espirito todo impulso e sempre avido de impressões novas; o inglez parecia abismado em dolorosas cogitações.

Chegaram a Neuilly e pararam em frente d'uma casa pequena mas muito elegante, separada da rua por uma grade doirada.

Lord Weymouth puxou pela campainha e um criado de libré veio abrir. Atravessando o pateo, Octavio reparou que muitas das janelas do primeiro andar estavam illuminadas e davam passagem a uma voz magnifica de mulher, que cantava acompanhando-se ao piano.

Ouvindo aquella voz, o inglez parou de repente e o seu rosto assumiu uma singular expressão de ternura e de soffrimento. Depois passou a mão pela testa, suspirou, e, com um gesto convidou o hospede a segui-lo. Subiram uns degrãos e Lord Weymouth, depois de ter feito atravessar ao Conde uns quartos do rez-do-chão, introduziu-o n'uma saleta onde chammejava um lume alegre. Enquanto o criado, que os precedera alumando-os, accendia os candelabros, o amo disse-lhe:

— John! Entrou esta manhã no meu escriptorio?

— Não, mylord.

— Não mexeu nas minhas pistolas?

— Não, mylord.

— É exquisito, disse o inglez pensativo. Ponha dois talheres, John. Jantamos aqui.

O criado inclinou-se:

— Sua Senhoria disse que a prevenisse assim que mylord tivesse chegado.

Lord Weymouth empallideceu visivelmente.

— Diga a mylady, disse com esforço, que não terei o gosto de a ver esta noite e que me desculpe. Tenho uns negocios a tratar.

O criado retirou-se.

— Queira perdoar-me, caro hospede, disse o inglez, se o deixo por um instante. Tenho umas ordens a dar. . .

Octavio quiz responder, mas observou no rosto do novo amigo uma tal pallidez, tal anciedade, que só pôde inclinar-se em silencio. Lord Weymouth sahio quasi a cambalear.

— Mais uma chaga mysteriosa, disse consigo o Conde, seguindo-o com o olhar.

Estirou-se para cima d'um sofa e estendeu os pés para o fogo scintillante, deixando vaguear os olhos pela sala deliciosa, de decoração do mais fino gosto.

— Suppunhamos, dizia, que eu era homem de letras, o que, graças a Deus, não sou, e que tinha de descrever n'um folhetim o meu dia d'hoje; o leitor atirava com a minha prosa pela janella fora, exclamando: « Isto não aconteceu. » A verdade é que eu navego na maior inverosimilhança... Cá estou, no cantinho do fogão, em casa d'um amigo... que ainda esta manhã não conhecia, quando devia estar a haloçar-me na ponta d'uma corda em qualquer arvore do Bosque de Bolonha.

De repente Octavio deu um pulo, levantou-se como movido por uma pulga e correu para um quadro com que seus olhos haviam dado.

Era o retrato d'uma graciosa mulher, de vinte e dois ou vinte e tres annos, nem positivamente bella, nem precisamente bonita, na acceção vulgar das duas palavras; alta, esbelta, toda a sua pessoa tinha o selo d'uma extrema elegancia, d'uma nobreza de raça, que a tornariam distincta entre com mulheres de talvez maior perfeição. Pés, braços, mãos, eram admiravelmente modelados; a physionomia fina e regular respirava um mixto de bondade sonhadora e de tranquilla intelligencia; era sómente pelo arco firme e puramente desenhado dos sobr'olhos negros que podia adivinhar-se que uma vontade inflexivel morava n'aquelle corpinho.

O Conde quedou-se immovel e mudo de surpresa. Reconhecia aquelle rosto dulcissimo, as fartas tranças doiradas, os grandes olhos azues, escuros, avelludados. Pallido, com o coração a bater-lhe, envolveu o quadro n'um olhar de avidez e de supplica. Parecia-lhe que uma palavra, um gesto poderiam desvanecer a querida visão.

— Onde a vi eu? perguntava elle talvez pela centesima vez. E memorias se erguiam, chocavam-se como um turbilhão de folhas sêccas que o vento levanta.

Apertou com ambas as mãos a testa a escaldar-lhe, e, encostado à parede, d'olhos ardentes, fitos na desconhecida, cahiu n'um profundo scismar, cheio de amor e de angustia.

Então, pouco a pouco, contemplando aquelle sorriso angelico, a fronte limpida, o olhar luminoso, pareceu-lhe que a noiva da memoria iria emfim rasgar-se.

Fez um derradeiro, supremo esforço, e lembrou-se.

Fôra dois annos antes.

O Conde de Soubran, em toda a effervescencia das paixões, habituado a satisfazer todos os caprichos, por mais desenfreados que fossem, encontrára-se com uma actriz n'essa epocha muito afamada.

Era de belleza mediocre e de talento muito contestavel; mas umas aventuras galantes que todo Paris conhecia tinham-a posto em moda.

Quiz Octavio honral-a com uma fantasia passageira. Fosse calculo, fosse qualquer outro o motivo, a mulher resistiu-lhe.

Possui-a parecia coisa tão cheia de obstaculos que a vaidade de Octavio sentiu-se ferida. A actriz era n'esse tempo amante d'um homem riquissimo e tão ciumento que chegava a ser ridiculo.

O Conde achou que seria divertidissimo rapta-la e, como n'elle projectar e executar eram uma e a mesma coisa, uma bella manhã partiu para a Italia com a actriz que levava consigo, meio risonha, meio enfurecida, um pouco por querer, um pouco á força.

Um dia duas horas depois da partida, o Othello seguia-lhe na pista. Apanhou o lindo par ao pé de Fontainebleau, provocou o Octavio, deu-lhe uma bella espadreira, e, deixando-o por morto, continuou a viagem em companhia da senhora.

O Conde viu-se durante um mez estirado n'uma cama de hospedaría, entre a vida e a morte e n'um delirio horroroso.

Uma noite acordou com maior socego e pôde reconhecer o lugar em que se achava. A lanparina dava uma luz indecisa e duas brasas na lareira acabavam de consumir-se. A criada que o tratava risonhava brilhantemente n'uma poltrona.

De repente — seria visão da febre ou realidade? — a porta abriu-se silenciosamente, e uma mulher, uma sombra, aproximou-se do leito, debruçou-se sobre o Conde e contemplou-o com expansão de ternissima piedade; uma mão branca, suave e fresca, arranhou-lhe a almofada sob

a cabeça a escaldar e levou-lhe um copo á bocca sequiosa.

Octavio quiz falar. A desconhecida levou um dedo aos labios. O Conde calou-se e tornou a adormecer.

No dia seguinte fez perguntas com tamanho ardor, que todos cuidaram, tão incoherentes pareceram, que seria resto de delirio. De mais, ninguém percebeu o que elle queria dizer e pensaram que mais valia não lhe responder.

Emquanto a vida lhe correu perigo, todas as noites viu abrir-se a porta misteriosamente e um vulto celeste andou em volta d'elle, attento a seus menores gestos, correndo a cada suspiro que a dôr lhe fizesse soltar.

Emfim, foi a mocidade quem triumphou ou foi a convicção de Octavio que uma alma cheia de dedicação lhe disputava a sua á morte? Um dia chegou em que o medico declarou responder pela vida do Conde.

Desde esse dia foi em vão que Octavio cada noite se poz á espera; a desconhecida nunca mais voltou.

Uma manhã, sentindo-se melhor e já convalescente, mandou en purrar a cama para junto da janella para gosar dos raios tepidos do sol.

Notou no pateo da hospedaría que estavam pondo uma carruagem de posta. Depois appareceu um criado com uma infinidade de caixas de papelão e de embrulhos que arrumou dentro da carruagem.

O Conde sentiu, sem saber porquê, apertar-se-lhe o coração.

Appareceu, por fim, muito devagarinho, uma mulher elegante e de véo.

Octavio estremeceu.

Antes de subir para a carruagem, a mulher afastou o véo e ergueu os olhos para a janella do quarto do doente. Pairava-lhe nos labios um sorriso triste; era ao mesmo tempo um adeus e uma confissão.

O Conde deu um grito. Reconhecera o anjo consolador das suas noites tormentosas.

A carruagem partiu a galope.

Octavio deixou-se cahir sem forças. Pareceu-lhe que aquella mulher lhe levava consigo todo o seu futuro.

.....

Dias depois, o Conde de Soubran voltou para Paris, um pouco curado, um pouco melancolico, um pouco apaixonado, informações que lhe foram dadas pelo pessoal da hospedaría pouco o haviam adelantado. A desconhecida chegara a Fontainebleau quinze dias depois d'elle e lá se demorara não vendo ninguém nem sahindo nunca. O nome que dera devia de ser um nome supposto. D'onde viera? Para onde partira? Ninguém o sabia.

Octavio por algum tempo ainda a procurou, mas em vão. Já dissemos como n'uma revoadada de prazeres a esquecera por fim, tanto como ao duello, ao ferimento e á actriz, causa primaria do pequenino romance.

Mas agora, perante aquella radiante imagem que lhe sorria d'entre a moldura d'oiro, como d'antes a desconhecida em seu quarto de enfermo, lembranças adormecidas acordaram com a violencia d'uma paixão.

— Quem é? que faz ella aqui? perguntou elle, angustiadissimo. Será irmã, filha ou sobrinha de Lord Weymouth?

Passeava a passos largos, preso de mil agitações, de mil projectos contradictorios, parando a cada minuto, d'olhar chamejante, coração oppresso, considerando a mysteriosa tela.

Pousou-lhe no hombro uma mão, que o fez estremeecer.

— Conde, que faz ahí? perguntou-lhe lord Weymouth, que havia pouco entrara.

Octavio procurou recuperar o sangue frio.

— Admirava... este quadro, disse.

— Não é verdade, disse o inglez, que é um rosto cheio de dôçura e de encanto? Não é verdade que uns olhos assim foram criados para scintillar na felicidade e não para se apagarem em lagrimas?

— Decerto, respondeu Octavio, olhando para Lord Weymouth, cuja voz tinha um tom sombrio, cujo sorriso era cheio de amargura. Este retrato é decerto d'alguã parenta sua.

O inglez passou a mão pelos olhos.

— E de minha mulher, disse com esforço.

— De sua mulher! pensou o Conde.

E fez-se muito pallido.

METEOROLOGIA

Março de 1902

Observações diárias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	" "			mm
11	762,0	13,6-10,6	Encoberto	W	0,0
12	763,3	14,2-10,0	Nublado	NNW	0,2
13	764,5	16,1-10,0	Alg. nuvens	N	3,7
14	767,6	17,8-10,1	"	"	0,0
15	769,1	17,9-10,3	"	"	0,0
16	769,0	20,8-10,8	"	NNE	0,0
17	767,5	21,5-12,5	"	"	0,0
18	761,6	20,4-12,0	"	Calma	0,0
19	763,4	14,5-10,6	Nublado	NW	0,4
20	761,5	14,0-9,2	"	SE	10,0

CHRONICA METEOROLOGICA

A temperatura que começou elevando-se nos ultimos dois dias da primeira dezena de março, continuou subindo rapidamente, durante o periodo de 11 a 20.

Em 15, as maximas em Portugal, foram: de 21°,5 em Regoa, 21° em Lagos, e 20° em Vendas Novas e Evora. Em 16, registou-se 23° em Campo Maior, 22° em Vendas Novas e Lagos, 21° em Evora e Beja, 21°,7 em Coimbra, 20°,8 em Lisboa e 20° em Faro. Em 17, notavam as seguintes maximas: 24° no Porto e Campo Maior, 23° em Vendas Novas e Evora, 22°,4 em Coimbra, 22° em Beja, 21°,5 em Lisboa e Regoa. Em 18, as maximas foram de: 23° em Campo Maior e Lagos, 22°,5 em Regoa, 22° em Vendas Novas, 21° em Evora e Beja e 20°,4 em Lisboa.

Grande abaixamento de temperatura e chuvas de trovoadas em 19 e 20.

NECROLOGIA

O ALMIRANTE CUSTODIO JOSÉ DE MELLO

Um telegramma do Rio de Janeiro transmitia a noticia da morte do almirante Custodio José de Mello, no dia 15 do corrente.

Custodio de Mello era uma das figuras mais salientes da Republica Brasileira, que maior celebridade alcançou, muito especialmente pela revolta de 6 de setembro de 1893, de que foi o iniciador, revoltando-se contra o governo do presidente Floriano Peixoto.

São d'elle as seguintes palavras, no manifesto que dirigiu ao paiz, por essa occasião:

« Official da marinha brasileira, e cidadão de uma patria livre, ainda uma vez vou achar-me no campo de acção revolucionaria para dar combate aos demolidores da Constituição e restaurar o regimen da lei, da ordem e da paz.

Nenhuma suggestão de poder, nenhuma aspiração de exercer mandatos por esforço violento da propria individualidade, me levam á revolução.»

Essa revolução durou uns seis mezes e Custodio de Mello, com uma boa parte dos seus companheiros, não menos de seiscentos, teve de se refugiar nos navios de guerra portuguezes que estavam no porto do Rio de Janeiro, sob o commando do capitão de mar e guerra sr. Augusto de Castilho, que lhes deu guarida e livrou da morte certa que esperava os revoltosos, muito especialmente os chefes, de que o principal era Custodio José de Mello.

Mas tudo acaba com a morte. Floriano Peixoto morreu dois annos depois d'aquelles acontecimentos e Custodio José de Mello acabou agora seus dias, morrendo com pouco mais de sessenta annos.

O valente official da armada brasileira era de origem portugueza. Exerceu varias commissões diplomaticas do governo brasileiro na Europa. Foi deputado pela Bahia, no primeiro governo da republica, e ministro da marinha e do exterior no primeiro ministerio do governo do presidente Floriano Peixoto, tendo sido um dos que mais concorreu para a deposição do marechal Deodoro da Fonseca, primeiro presidente da republica brasileira.

(Continua).



PUBLICAÇÕES

Bibliotheca Amena.—N.º 3—*Pecadora Immaculada*, por Lano & Gallus—Tradução de Annibal Passos—Editor o Centro de Publicações de Arnaldo Soares—P. de D. Pedro, 137. Porto, 1902.

Como se sabe o sr. Arnaldo José Soares iniciou ha tempo a publicação de uma serie de romances a que deu o titulo geral de *Bibliotheca Amena*, tendo já nós noticiado com o merecido louvor a sua iniciativa e o apparecimento dos volumes *Amor d'Outono*, por André Theuriot e *Ruth*, de Fernando Lafargue, inquestionavelmente dois lindos romances, que pelo seu valor intrinseco e primor da traducção alcançaram justo apreço.

Temos hoje ensejo de noticiar a publicação do terceiro romance da apreciada collecção, intitulado *Pecadora Immaculada*, original dos notaveis escriptores francezes Lano & Gallus e vertido como os anteriores em boa linguagem pelo distincto jornalista portuense sr. Annibal Passos.

Com o seu titulo aparentemente paradoxal, e que no romance se explia commovedoramente, o presente volume revela da parte do illustrado editor o mesmo criterio que presidiu á escolha dos outros, tendo um enredo interessante, uma forma agradável e offerecendo uma lição de moral, que, falando ao espirito e ao coração, não fere susceptibilidades.

Um volume da nova bibliotheca, com mais de trezentas paginas, impresso em letra grande e nitidamente, custa apenas 200 réis.

Atravez a cidade de Evora ou apontamentos sobre a cidade de Evora e seus monumentos—por Caetano da Camara Manoel—*Minerva Commercial*—Evora—1900.

N'este seu trabalho compilou o auctor com particular cuidado um grande numero de interessantes notas historicas acerca da cidade de Evora, corroboradas com muitas citações eruditas.

Pelas suas tradições e pelos seus monumentos a cidade de Evora despertou sempre o apreço dos historiadorez, dos archeologos e dos estudiosos.



ALMIRANTE CUSTODIO JOSÉ DE MELLO

FALLECIDO EM 15 DO CORRENTE

Pelas suas minuciosas referencias a obras de maior tomo presta um bello serviço o presente livrinho, que se encontra graciosamente illustrado com as vistas das principaes obras d'arte que opulentam a antiga cidade.

Atravez da cidade de Evora é, pois, um indice e um resumo, lucidamente elaborado, prestando tanto ao erudito como ao farasteiro um seguro guia e valioso auxilio no estudo da

«... nobre cidade; certo assento,
Do rebelde Sertorio antigamente.»

Commemoração do XXV anno
do «OCCIDENTE»

Agradecimento

Tem sido tão penhorantes as palavras com que a imprensa periodica do paiz e do estrangeiro acolheu o numero commemorativo do XXV anno do OCCIDENTE que muito desejaríamos transcrevel-as n'esta revista como prova de alto apreço. Teriam, porém que occupar muitas paginas de que o tamanho d'esta revista não permite dispor, sem prejuizo dos assumptos a que tem por dever dedicar-se.

Na impossibilidade, pois, de transcrever aqui as benevolas apreciações e louvores com que tão gentilmente nos brindaram, e que para nós são grata compensação de tantos annos de trabalho, occorre-nos o dever de a todos os nossos estimaveis collegas agradecermos as constantes provas de estima e boa camaradagem que sempre tem dispensado ao OCCIDENTE e muito em especial por occasião do seu XXV anniversario.

A Empresa.

ALMANACH ILLUSTRADO

DO OCCIDENTE

Para 1902

Está publicado este primoroso annuario profusamente illustrado e com uma linda capa a côres, representando uma toirada á antiga portugueza.

Preço 200 réis brochado, cartonado 300 réis, pelo correio accresce 20 réis de porte.

Pedidos á

EMPRESA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo—LISBOA

A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO

3.ª edição, illustrada com 40 gravuras, retratos dos heroes, vistas e combates.—1 vol brochado, 320 réis, encadernado em percaline, 500 réis.

O CYCLISMO

Manual e hygiene do cyclista

Indispensavel aos cyclistas, pelo Dr. ***—1 vol. illustrado com gravuras, 120 réis.

Empresa d'O OCCIDENTE

Largo do Poço Novo—LISBOA

O DICCIONARIO DAS SEIS LINGUAS

Francez, allemão, inglez, hespanhol, italiano e portuguez

EM UM SÓ VOLUME

Este utilissimo livro divide-se em tres partes: 1.ª Trata das diversas pronunciações figuradas.—2.ª É propriamente o texto do Diccionario, tendo por base a lingua franceza.—3.ª É o indice geral alphabetico de todas as palavras das seis linguas seguidas da respectiva traducção sempre em francez, que é a base do Diccionario, permitindo assim a consulta rapida do termo de que se quizey saber a traducção.

É esta 3.ª parte a chave do Diccionario e a mais importante para quem não conheceer todas as linguas.

Cabe a Portugal a honra de ter apresentado á Europa culta uma obra de tão grande valor



Premiado na
Exposição Universal de Paris
de 1900



PREÇO DA OBRA

PARA PORTUGAL, COLONIAS E HESPAHHA

Volume brochado, 58000, encadernado, 58500
EXTRANGEIRO

Volume brochado, 58500, encadernado, 68000

EMPRESA D'O OCCIDENTE

Largo do Poço Novo—LISBOA

O Descobrimento do Brazil—Narrativa de um marinheiro

Illustrado com grande profusão de gravuras e um mappa da viagem do descobrimento. 1 vol. com uma linda capa em chromo. Brochado 300 réis, cartonado 400 réis.

Novas do outro mundo

Carta de João de Deus aos estudantes, por D. João da Camara. Illustrada com o retrato de João de Deus em 1855.

Preço 100 réis, franco de porte.

A' venda na EMPRESA DO OCCIDENTE, Largo do Poço Novo, LISBOA